

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



Instituto Cultural
Cidade Viva

denominação
Fazenda Ribeirão Frio

código
AII - FO6 - BP

localização
Estrada Ruy Pio David Gomes - Dorândia

município
Barra do Pirai

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Localizada em Barra do Pirai no distrito de Dorândia, próxima à BR-393, a fazenda fica no meio do caminho entre Barra do Pirai e Volta Redonda, a cerca de 30 minutos do Centro de Barra do Pirai.



coordenador / data **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - jan 2008**
equipe **Daniel Soares Braz e Ícaro Cardoso Cerqueira**
histórico **Caminhos Singulares (fonte)**

revisão / data **Alberto Taveira - mai 2008**

O acesso à fazenda se faz por uma estrada de barro, por onde se pode observar boa parte da propriedade, em sua maioria desenvolvida em terreno plano, porém, cercada na parte posterior por morros. No entorno da fazenda, avistamos alguns sítios, chácaras e, fronteiro a ela, um loteamento.

A casa-sede está implantada numa área totalmente plana, possibilitando, tomada da estrada, uma visão geral do conjunto construído e da paisagem natural. Antes de chegar a ela, passa-se por um antigo portão e uma alameda de palmeiras – que é paralela à lateral do que seria dos antigos terreiros de café, na frente da casa-sede, parcialmente cercado por uma grade. Do lado esquerdo, localiza-se uma edificação recente, de meados do século XX. E, assim, chega-se a um novo acesso, que leva à casa, toda cercada por grades com um portão para carros e, na lateral direita, o acesso de pedestres. Na lateral esquerda, aos fundos, temos um riacho e um laguinho. Nos fundos da casa-sede encontram-se antigas construções bastante deterioradas e ruínas.



A propriedade atual é formada pela casa principal – um muro formado por alvenaria e grades em ferro delimita a área ocupada por esta e três terreiros de café – um na frente da casa-sede; outro na lateral direita e um terceiro na parte posterior. A fazenda possui mais seis construções dos meados do século XX.

Aos fundos foram encontrados resquícios de antigas construções. Porém, não se tem dados suficientes para identificar quais eram seus usos e funções.

A sede da fazenda possui um pavimento com porão alto habitável, como foi nitidamente construída em fases distintas, alguns elementos são diferenciados, não havendo perfeita integração entre os mesmos.

A fachada principal possuía originalmente um alpendre que permitia o acesso ao *hall* de entrada. Em cada extremidade deste alpendre havia uma escada colada à fachada, como era comum a muitas das edificações contemporâneas a esta. Atualmente encontramos uma varanda que cobre parcialmente sua extensão e apenas uma escada de acesso lateral, alterando substancialmente a feição original da fachada.

A configuração espacial da edificação difere de outras fazendas, pois sua planta baixa é formada por dois “L”, que podemos diferenciar pelos usos atuais como dois blocos, identificados pelo período em que foram construídos ou pelas funções atuais: no bloco 1, dedicado aos serviços; e o bloco 2, aos setores social e íntimo.

A partir do *hall* de entrada chega-se à Capela, à direita e a quatro quartos – provavelmente antigas alcovas – e, à esquerda, a dois compartimentos que eram salas e são utilizados atualmente como quartos. No seguimento do hall de entrada, pequena circulação permite o acesso à sala de jantar e na lateral esquerda a um escritório. A sala de jantar possui em sua lateral esquerda três quartos e, na lateral direita janelas em toda a extensão que permitem observar um dos antigos pátios de café e parte do entorno. Na parte posterior da sala chega-se a dois banheiros e a uma copa, a partir da qual chega-se ao que podemos chamar de bloco 1, de construção mais antiga.

Nesse bloco 1, inicialmente passa-se por um depósito e uma grande sala de refeições, que possui uma cozinha com despensa e varanda, cujo acesso externo é feito por uma escadaria em pedra. Na circulação que permite acesso à parte posterior da casa, temos dois quartos de serviço; banheiro; escritório e, aos fundos, alguns cômodos sem função específica e uma grande sala usada como oficina / depósito. Uma escada interna de um lance dá acesso à parte aberta do porão e ao terreiro.



A edificação não sofreu muitas modificações formais quanto à sua configuração e distribuição espacial. Pelos indícios, há um pequeno acréscimo na parte posterior, que só possui acesso externo.

A feição das fachadas nos remete às casas rurais mais espartanas do século XIX. Os vãos possuem uma diferenciação quanto à forma. Assim, no bloco 1 as vergas são retas, nas janelas e portas, e no bloco 2 apresentam-se vergas em arco abatido com ombreiras em “canga de boi”. Nas janelas do bloco 1 há esquadrias em folhas de guilhotinas com caixilhos de vidro externas e enrelhadas (tabuadas) internamente. As portas, todas são tabuadas. No bloco 2 encontramos nas fachadas janela duplas com guilhotinas envidraçadas externamente e folhas almofadadas internas e, nas portas internas, bandeiras e folhas almofadadas.

Não é possível determinar qual seria o forro dos tetos do bloco 1, pois não há nenhum registro *in loco* de sua existência. No bloco 2, o forro de saia-camisa com roda-teto simples que recebe pintura na cor branca, repete-se em todos os cômodos.

A edificação, construída em fases distintas, possui características construtivas diferenciadas. Sua planta baixa é formada por dois “L” ou quatro retângulos, cujo mais antigo fica na parte posterior.

A cobertura da edificação em telhas tipo capa-canal, possui beiral acachorrado que, em toda a extensão, é revestido por tabuado de madeira. As esquadrias são todas em madeira com almofadas, vidros ou venezianas, com exceção de uma báscula em ferro. Há também grades e portões externos em ferro, com pequenos detalhes decorativos.

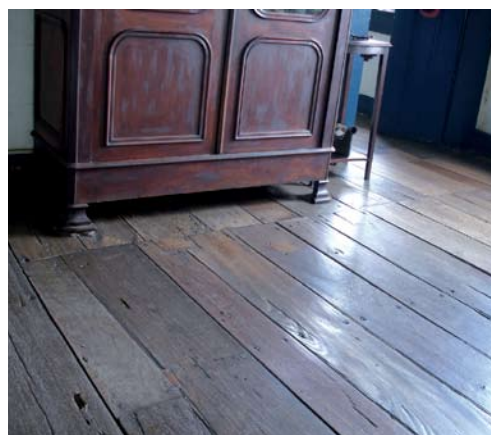


descrição arquitetônica

No bloco 1, o mais antigo, há um embasamento em pedra com 80 cm de largura, que suportava, originalmente, alvenaria de pau-a-pique que foi parcialmente substituída por tijolos maciços. A argamassa de revestimento original possuía em sua composição areia e saibro, mas, atualmente, algumas intervenções introduziram argamassa de cimento sobre o pau-a-pique.

Toda a estrutura vertical e horizontal sobre o embasamento em pedra é composta por extensas peças em madeira. O piso do porão e ao redor da casa é feito com lajes de pedra, mesmo material das escadas para acesso à cozinha. Internamente há uma escada em madeira para ligação entre a circulação dos depósitos e a oficina, no porão. O piso no pavimento nobre é todo em tábuas de madeira, com exceção da cozinha e varanda, onde foi substituído por cerâmica e piso vinílico.

O bloco 2 repete o embasamento em pedra e a estrutura em madeira, mas em dimensões bem mais simplórias. Nas alvenarias encontramos pau-a-pique e adobe. O piso é todo em tabuado de madeira, com exceção dos banheiros, em cerâmica (não original). O forro do tipo saia e camisa desenvolve-se encaixado, com molduras e pequenos detalhes decorativos.



Na fundação há embasamento em pedra com intervenções em argamassa com saibro, cimento e areia. Notou-se a inserção de alvenaria de tijolos maciços; a colocação de pilares em alvenaria de tijolos maciços; algumas manchas de umidade, bolor e fungos na cantaria; a perda de material causada por impacto mecânico e desgaste físico, tanto na cantaria do embasamento quanto nas argamassas de assentamento.

Nas paredes de vedação há perda de material; desgaste físico; umidade ascendente no pau-a-pique; perda de material nas argamassas de revestimento (reboco); presença de trincas e fissuras nas paredes, especialmente sobre janelas e portas e no encontro entre as superfícies dos planos das alvenarias. Há, também, fissuras na base de algumas paredes externas; perda de material nas paredes externas; manchas escuras ao longo das paredes; áreas com o reboco pulverulento; áreas com o reboco descolando em placas; e infiltração no rejuntamento dos peitoris das janelas. Foi percebida, ainda, uma certa descontinuidade da superfície das alvenarias, devido à utilização de argamassa não compatível com o pau-a-pique. Foram retiradas paredes de pau-a-pique e substituídas as alvenarias originais por alvenaria de tijolos maciços, tendo sido, ainda, fechado um vão de porta com trainel de madeira.

Na cobertura, algumas telhas estão quebradas, fora do lugar ou desalinhadas; e o forro dos beirais tem peças faltantes em diversas partes, estando algumas réguas soltas ou apodrecidas por umidade. O forro interno está danificado, com perda do suporte de sustentação, apodrecimento por umidade e desgaste mecânico, notando-se ainda o arqueamento de peças do forro da sala de jantar. Inexiste forro nas áreas mais antigas, devido ao apodrecimento causado por umidade, tendo havido desabamento total ou parcial do mesmo nos blocos 01 e 02. Notou-se a perda dos encaixes das peças principais do madeiramento do telhado.



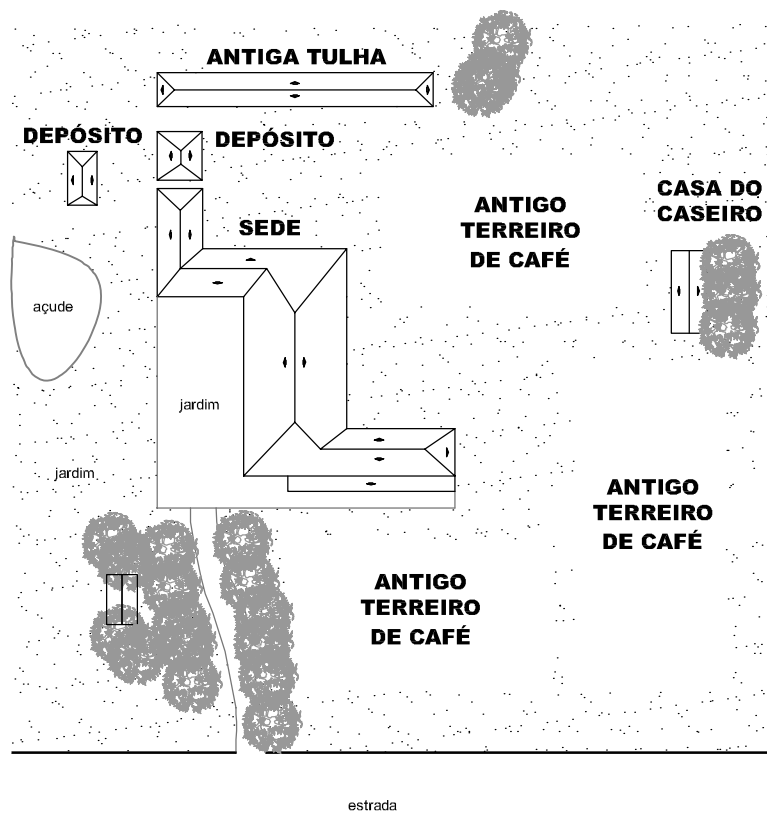
detalhamento do estado de conservação

Foi observada nas instalações a presença de tubulações novas para fios, câmeras de segurança e sensores de presença.

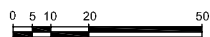
Na estrutura de madeira notou-se a presença de xilófagos nas estruturas verticais (esteios e ombreiras), horizontais (barrotes) e nas varas (caniçada) do pau-a-pique; o apodrecimento das extremidades dos barrotes; a perda ou apodrecimento de encaixe; o apodrecimento por umidade; o arqueamento, o selamento e o ressecamento em algumas das peças que compõe a estrutura (esteios, barrotes, ombreiras); e a presença de bolor, mofo, manchas nas cores marrom e acinzentada clara, na parte baixa das peças.

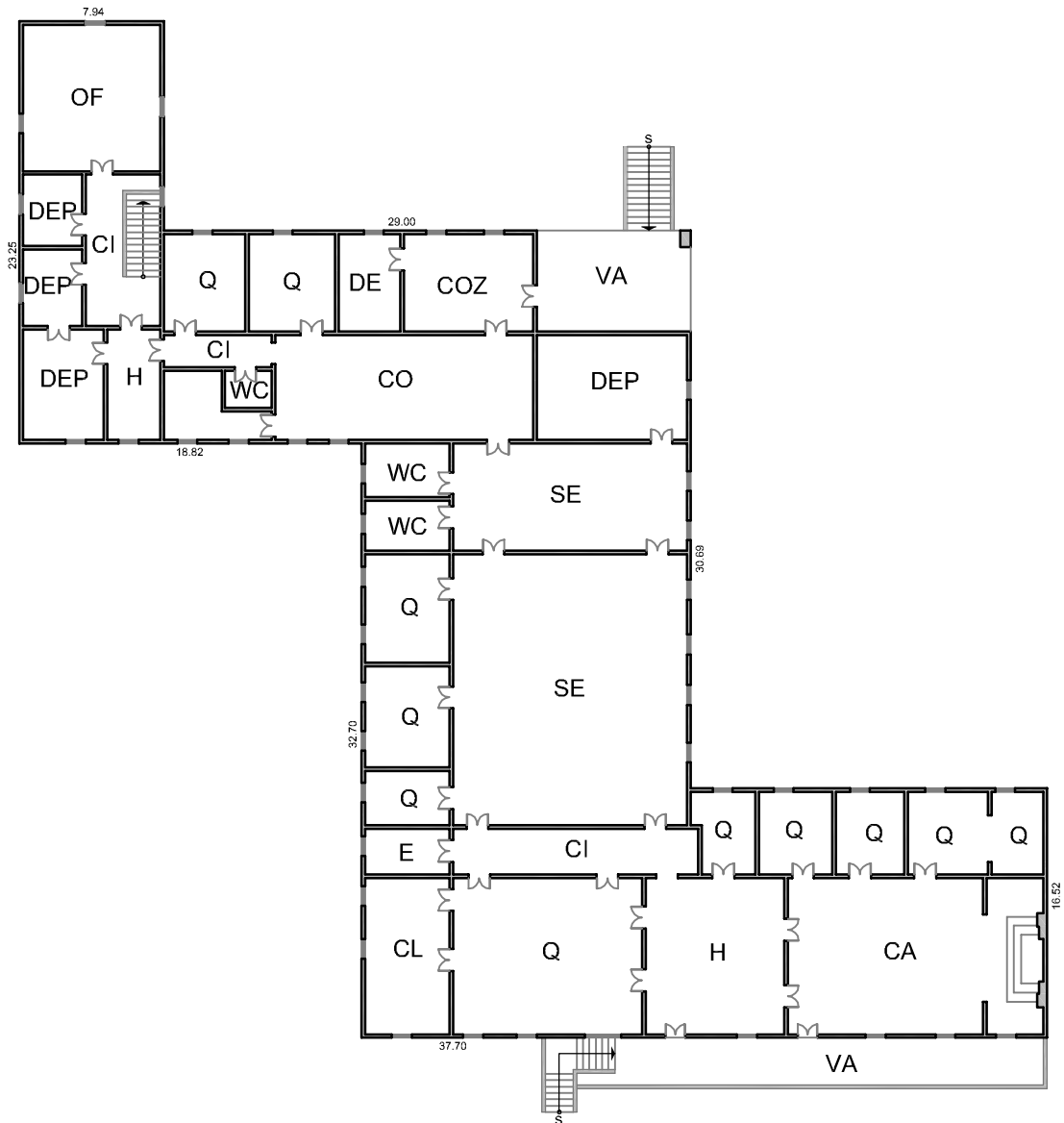
Nos pisos, o rejuntamento está danificado nos pisos frios (cerâmica e cantaria); há manchas de umidade nos pisos em madeira e em cantaria; estão apodrecidas algumas peças em madeira, devido à umidade e presença de insetos xilófagos; percebeu-se o arqueamento de algumas peças; e, por fim, parte dos pisos em tabuado está danificada, com inserção de partes novas.





1 FAZENDA RIBEIRÃO FRIO
Planta de Situação escala: 1/2000





FAZENDA RIBEIRÃO FRIO
Planta de Baixa da Sede - 1º PAVTO. escala: 1/400



CA - capela	CL - closet	COZ - cozinha	DEP - depósito	H - hall	Q - quarto	VA - varanda	— alvenaria existente
CI - circulação	CO - copa	DE - despensa	E - escritório	OF - oficina	SE - sala de estar	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F06 - BP

2/2

equipe: Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita	desenhista: Noemia Barradas/Claudia Baima	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------

As primeiras referências à Fazenda Ribeirão Frio datam do início do século XIX. No entanto, a sua implantação como fazenda cafeeira é atribuída ao Barão de Guapy, Joaquim José de Oliveira Ferraz, que a adquiriu de D. Izabel Jacyntha de Souza, em meados do século XIX. A prosperidade da fazenda, alcançada nas décadas seguintes, durante o auge da produção de café, pode ser aferida pelas impressões deixadas pelo ilustre viajante português Augusto Emilio Zaluar, que se referiu a ela como uma cidade em planta pequena.

No início do século XX pertenceu a Adolpho de Carvalho Gomes e até hoje está com um de seus filhos, o Coronel Bento David Gomes.

Dados cronológicos:

1814 – doação da sesmaria a José Caetano Alves de Oliveira;

1851 – vendida por D. Izabel Jacyntha de Souza ao Barão de Guapy – Joaquim José de Oliveira Ferraz;

1890 – passada ao Banco do Brasil para pagamento de dívidas;

1892 – adquirida do referido banco por José Alves de Brito, que a vendeu, no ano seguinte, a Tertuliano Ramos e depois a Adolpho de Carvalho Gomes; e

Atualmente – pertence ao Coronel Bento David Gomes.